

1

INTRODUÇÃO

O ensino de Lacan é marcado pela ideia de que a experiência analítica e os conceitos formulados a partir dela só podem ser devidamente compreendidos através do campo da linguagem. O modelo de linguagem a que Lacan faz referência, durante grande parte de sua obra, é a linguística de Saussure e Jakobson. Contudo, uma vez que seu interesse não se dirige diretamente à linguagem, mas à constituição do sujeito do inconsciente na e pela linguagem, Lacan acaba por modificar as noções tomadas à linguística saussuriana, ao ocupar-se de questões propriamente psicanalíticas.

A partir deste gesto de Lacan, diversas discussões surgiram acerca de sua concepção de linguagem e das consequências do uso do modelo estrutural no âmbito da experiência analítica. Despertou-me interesse uma delas: a que diz respeito à oposição entre a linguagem reduzida à estrutura da língua e a linguagem concebida como ato de fala, nos quais a posição dos sujeitos falantes no contexto discursivo é levada em consideração. Esta oposição surge nas discussões dos pós-estruturalistas, abarcando as mais diversas áreas a que o estruturalismo serviu de referência e método (Dosse, 1993).

O estruturalismo toma como referência o essencial da linguística saussuriana: a noção de sistema. Esta é uma opinião encontrada, praticamente, em todos aqueles que abordam o estruturalismo; todos ressaltam a função de modelo que a linguística saussuriana desempenhou no movimento estruturalista, como se observa, por exemplo, no artigo introdutório do livro *A Controvérsia Estruturalista: as linguagens da crítica e as ciências do homem* (1976):

A Linguística por algum tempo fornecera o *leitmotif* orquestrado nas obras e vocabulários de Barthes, Lacan, Lévi-Strauss. Dizia-se que a Linguística devia ter estabelecido um modelo metodológico teórico e uma matriz universal para a compreensão de todos os fundamentos humanos (pelo menos no nível interpessoal), já que atingira um estágio avançado de formalização e já que a realidade de todos os fenômenos humanos era, na verdade, linguística, em primeiro lugar (Mackey & Donato, 1976, p.11).

Contudo, este “estágio avançado de formalização”, possibilitado pela ênfase na noção de sistema, implica o abandono de muitos outros aspectos próprios à

esfera humana. A própria noção de sistema deriva deste duplo processo de inclusão e exclusão, pois Saussure (2006), para alçar o estudo da linguagem ao posto de uma ciência, divide a linguagem em dois polos, o da língua e o da fala, concedendo ao primeiro o privilégio de ocupar o lugar de único objeto da linguística. Enquanto a fala restringe-se à atualização da língua e à sua emissão psicofisiológica, a língua é concebida como um sistema de signos linguísticos, constituídos pela ligação arbitrária entre o conceito mental (significado) e a imagem acústica (significante), que só adquirem valor uns em relação aos outros. A tarefa do linguista consiste, assim, em descobrir as leis universais que regem o sistema de signos. Estes somente adquirem valor em oposição a outros signos, sendo, portanto, puras diferenças. Esta concepção de Saussure privilegia as relações entre os elementos em detrimento das características intrínsecas destes.

Segundo Dosse (1993), para seus opositores, o estruturalismo, por eleger a noção de sistema como o embrião do conceito de estrutura, culmina inevitavelmente em um formalismo, no qual não há lugar para o sujeito. Esta conhecida crítica ao estruturalismo atribui a esta corrente ter executado “a morte do sujeito”, dado o privilégio concedido ao caráter formal da língua em detrimento da individualidade do falante, de sua história e de suas vivências.

Ora, quando esta noção de estrutura é aplicada à experiência psicanalítica, esta crítica torna-se ainda mais grave. Se pressupusermos que a dimensão da linguagem tão valorizada por Lacan é concebida a partir da noção de estrutura, como dar conta da circunstância particular da experiência analítica, na qual a fala é sempre endereçada e sustentada por um sujeito do inconsciente? Como conciliar uma experiência que se efetua através de uma linguagem concebida desse modo com o caráter singular de uma experiência? É deste modo que considero a oposição entre modelos de linguagem restritos à estrutura da língua e modelos que abarcam a posição dos falantes em um contexto discursivo como uma questão relevante para melhor situar o papel da linguagem na esfera psicanalítica.

Certamente, ao longo da obra de Lacan, em virtude das modificações que se produz em seu ensino, sua concepção de linguagem sofrerá transformações, o que acarretará mudanças em sua definição, e, conseqüentemente, esta oposição também se apresentará de outro modo.

Geralmente, a releitura de grandes obras acarreta a valorização de determinados conceitos em detrimento de outros. Assim, Lacan, inicialmente, ao

propor um retorno a Freud, se insurge contra uma determinada leitura da obra freudiana que se atinha demasiadamente aos aspectos biológicos e imaginários, mas também acaba por relegar alguns conceitos ao limbo. A sua proposta, feita em prol da ênfase à dimensão da linguagem presente na experiência psicanalítica, ao menos nos primeiros anos de seu ensino, culminou em certo apagamento tanto da noção de sujeito quanto do conceito de pulsão.

Conforme destaca Rudge (1998), ao longo do ensino de Lacan, através de diversas reformulações de sua própria obra, a pulsão foi ganhando relevo, na medida em que a concepção estruturalista de linguagem era abandonada. Certamente, a linguagem manteve-se como uma dimensão essencial no ensino de Lacan. Contudo, sua abordagem teve que sofrer redefinições, a fim de abarcar a dimensão pulsional. Em suas palavras: “Para que a teoria da linguagem da psicanálise seja compreendida em sua originalidade, o conceito de pulsão deve ser preservado em sua dignidade de conceito fundamental” (Rudge, 1998, p.8).

Levando em consideração estas transformações, buscamos acompanhar os momentos do ensino de Lacan que o conduziram a conceder à linguagem novas significações. Observaremos que a noção de linguagem em psicanálise comporta uma tensão permanente entre a concepção estrutural e a concepção pragmática. No entanto, no momento em que Lacan afasta-se do estruturalismo, ao introduzir no âmbito da linguagem a pulsão, através da noção de *objeto a* como resíduo da constituição do sujeito pela ordem significante, é o modelo pragmático de linguagem que é destacado – embora não seja mencionado por Lacan. Apesar do fato de Lacan não citar a teoria dos atos de fala de Austin, nos autorizamos a recorrer a ela, uma vez que a noção de ato vem dar conta tanto do plano pulsional quanto da dimensão social, presente na inclusão dos sujeitos no ato de fala. A nossa hipótese é a de que a formulação da noção de *objeto a* permitiu a Lacan abordar a noção de ato, através da noção de discurso como vínculo social.

A teoria dos atos de fala de Austin considera que a fala, ao invés de descrever um estado de coisas, instaura algo na realidade, promovendo uma ação no mundo. Assim ocorre com os enunciados performativos, tais como “A sessão está aberta”. Tal enunciado não descreve uma realidade, mas produz uma: a sessão se abre desde então. A teoria dos atos de fala, ao invés de utilizar como critério a verdade ou falsidade das proposições, ou seja, verificar sua correspondência à realidade, detém-se, antes, à felicidade ou infelicidade das

proposições, esclarecendo as condições para que um determinado enunciado produza o efeito esperado. Austin se debruça sobre a “linguagem ordinária”, ressaltando o aspecto *performativo* dos enunciados, que não é avaliado pelo critério de verdade ou falsidade, mas somente pelo efeito produzido em determinado contexto. Este aspecto *performativo* das proposições distingue-se do aspecto *constatativo*, suscetível de verdade ou falsidade. O que determina a felicidade de um enunciado performativo são fatores contextuais, pois para que o proferimento se efetue é necessário que o contexto no qual for enunciado esteja em conformidade com as convenções de seu uso. Por isso, a posição dos falantes, bem como as relações que entretêm, é indispensável na noção da linguagem como ato.

Deste modo, enfatizando o caráter performativo do discurso, Austin valoriza a dimensão do ato de fala, ou seja, das ações do indivíduo em um determinado contexto. Conclui que mesmo nos enunciados constatativos há a atuação do aspecto performativo, pois uma descrição se dirige a um interlocutor e realiza a ação de descrever. Assim, a fala é concebida sempre como um *ato* de fala, ou seja, como uma ação que promove modificações na realidade. Semelhante concepção da fala culmina em uma subversão da ideia de que as palavras descrevem as coisas. O sentido, a força e os efeitos da fala são ações no contexto no qual se fala. A linguagem deixa ser um mero instrumento que veicula um sentido e passa a ser abordada como o que produz efeitos através de sua enunciação.

Contudo, convém notar que, mesmo nos períodos em que Lacan privilegiava o modelo estrutural em sua abordagem da linguagem, tratava-se de uma apropriação singular, visando dar conta do âmbito clínico. Portanto, o uso da linguística estrutural não redundou na eliminação do sujeito, alvo principal da crítica ao estruturalismo – ainda que nesta fase tenha culminado na redução do sujeito ao significante. Antes que promover a exclusão do sujeito, a apropriação que Lacan fez do estruturalismo lançou o desafio de pensar o sujeito de uma nova maneira. A incidência deste modelo em Lacan possibilitou a despsicologização do sujeito e a elucidação das leis que regem o inconsciente. No entanto, no momento em que esta concepção de linguagem parece incidir mais incisivamente em sua obra, a noção de pulsão recebe pouco relevo.

Somente após a introdução da noção de *objeto a* na constituição do sujeito pela linguagem, demonstrada nas operações de alienação e separação, podemos, a

posteriori, assinalar o gesto de apropriação de Lacan, que não deixou de integrar os aspectos pragmáticos da linguagem. A introdução dessas novas noções ameniza a influência do modelo estrutural em seu ensino, concedendo espaço para a pulsão e para o ato do sujeito. De acordo com Zupancic (2000):

Entretanto, se o estruturalismo realmente identifica o sujeito com a estrutura (O Outro), Lacan intervém (...): ele introduz o sujeito como um correlato da *falta* no Outro; ou seja, como correlato do ponto onde a estrutura falha em fechar-se totalmente, nesse ponto mesmo. Ele faz isso de duas maneiras diferentes. A primeira consiste em introduzir um momento de irredutível *jouissance* como “prova de existência do sujeito”. A segunda – (...) – consiste em definir o sujeito via o *shifter* “Eu” em relação ao “ato de enunciação”. O “Eu” é o elemento de linguagem que perturba a bateria significante, torna-a incompleta [*pas-toute*], por isso é um elemento que designa, mas não significa, um elemento que se refere a algo fora da estrutura linguística: ao próprio ato de fala (Zupancic, 2000, p. 29-30).

Veremos, ao longo deste trabalho, que a denominada fase estruturalista de Lacan, além de operar uma torção no modelo estrutural para dar conta da constituição e das manifestações do sujeito do inconsciente, utilizava ainda noções do campo da instância discursiva e da mensagem. Entretanto, a dimensão da linguagem como ato ganha mais relevo, posteriormente, quando a formulação do *objeto a* possibilita a Lacan abordar a linguagem como ato e vínculo social, através da noção de discurso.

A fim de explicitar a oposição entre os modelos de linguagem que abordamos, apresentamos, no primeiro capítulo, algumas concepções de linguagem representativas das correntes a que nos referimos. Inicialmente, resumimos a concepção estrutural, através de Saussure, Jakobson e Lévi-Strauss. Para introduzir as questões com as quais as teorias pragmáticas lidam, abordamos a noção de linguagem em Bakhtin. Em seguida, de modo a ressaltar que o estruturalismo promoveu também uma releitura de Saussure, tentando abordar, ainda que timidamente, o plano da enunciação, apresentamos a noção de dêitico em Benveniste e a noção de *shifter* em Jakobson. Por fim, descrevemos as principais noções da teoria dos atos de fala de Austin.

Após essa breve explanação sobre as teorias de linguagem que serão trabalhadas ao longo da tese, iniciamos a apresentação do percurso empreendido por Lacan em dar conta da incidência da linguagem na experiência psicanalítica.

Assim, no segundo capítulo, abordamos a primeira fase do ensino de Lacan, na qual a ênfase na dimensão da fala e da linguagem em psicanálise coincide com a valorização da dialética intersubjetiva que integra a noção de fala fundadora. Lacan, em “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953), propõe que se pense o inconsciente enquanto estruturado como uma linguagem. Com isso, o recalque passa a ser compreendido como uma operação que separa o significante do significado, e o sintoma como um significante cujo significado está recalcado. Lacan apresenta a oposição entre fala plena, fala verdadeira que resgataria o significado recalcado, e a fala vazia, na qual o significado se mantém ausente. Através de uma dialética intersubjetiva, o analista conduz o analisando à eclosão da fala plena, através da qual o significado recalcado é resgatado, pelo revolver de sua história. Nesta formulação, a noção de satisfação pulsional é muito pouco desenvolvida, permanecendo relegada ao âmbito imaginário. Veremos que, neste período, a noção de linguagem abarca tanto o modelo estrutural, utilizado na formulação das formações do inconsciente, quanto o modelo pragmático, uma vez que a dialética intersubjetiva, a fala como ato fundador e a história do sujeito são considerados como constituintes da função da fala e da linguagem na experiência analítica.

No terceiro capítulo, dedicamo-nos à denominada fase estruturalista de seu ensino, na qual Lacan, ao conceder o primado ao significante e romper com a indivisibilidade do signo saussuriano, abandonará a noção de fala plena e extrairá do caráter diferencial da estrutura significante a produção de um sujeito. O sujeito passa a ser concebido como aquilo que o significante representa para outro significante. Lacan, deste modo, apropria-se do estruturalismo de modo a abarcar a noção de sujeito, que, contudo, permanece reduzida a um efeito do significante. Por conseguinte, a dialética intersubjetiva que permitia a fundação dos sujeitos através da fala é substituída pela ordem significante, como o campo do Outro através do qual o sujeito constitui-se. A incidência do modelo estrutural é explícita, enquanto os modelos que levam em consideração a posição dos sujeitos falantes são apenas manifestos na abordagem que Lacan faz da psicose, alguns anos antes da elaboração do texto representativo do estruturalismo, *Instância da Letra*. Também neste período a noção de pulsão é pouco trabalhada, sendo brevemente abordada através da noção do significante da falta do Outro e da demanda do sujeito.

Enfim, no último capítulo da tese, nossa hipótese é demonstrada através da apresentação das operações de alienação e separação, da articulação do *objeto a* com a pulsão e da noção de ato presente nas modalidades de discurso como laço social. A partir deste momento, Lacan introduz, na constituição do sujeito pela ordem significante, um elemento irreduzível ao significante, a saber, o *objeto a*, através do qual o sujeito extrai um gozo e, ao mesmo tempo, em que se destaca do Outro também a ele se vincula através dessa perda. Semelhante vínculo reflete-se nos laços sociais que o sujeito pode estabelecer com os outros sujeitos nas modalidades discursivas. O modelo pragmático de linguagem apresenta-se inteiramente nestas noções, sendo relacionado à inconsistência da ordem significante em representar integralmente o sujeito. Ambos os modelos se apresentam, mas o modelo estrutural é praticamente desfeito.

A partir deste período, a dimensão pulsional se apresentará mais incisivamente na dimensão da fala e da linguagem até culminar na tese defendida no *Seminário 20*, segundo a qual a fala é concebida, ela própria, como satisfação pulsional. A proposição de Lacan é que o sujeito, ao falar, goza. Assim ele define o princípio do prazer: “Eu o defino do que se satisfaz do bláblá. É isso que digo quando digo que o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1973, p.21). É por isso também que, após ter insistido durante todos esses anos no modelo estrutural, Lacan esclarece: “Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística” (Lacan, 1973, p.25).